

**ROGÉRIO
BERNARDES**

F CÍNZAS
de FAZER
ÊNIX

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Wendell Barros Carvalho

PROJETO DE CAPA
Lu Valença e Ricardo A. O. Paixão

ILUSTRAÇÕES
Lu Valença

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo Coffler

FINALIZAÇÃO
(Capa e Diagramação)
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B522C BERNARDES, ROGÉRIO. -
CINZAS DE FAZER FÊNIX / ROGÉRIO BERNARDES.
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2019.

110 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-480-8

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

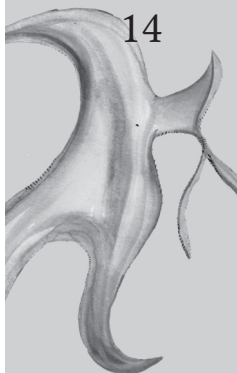
Menino dos Prados

Corre pelos prados, menino descalço
de cabeça nas nuvens
e olhos de algodão
tão simples é o teu legado
não há por agora passos em falso
e o pássaro negro ainda é sem penugem
nada de acenos e falsos afagos
teus gritos de guerra ainda são canção.

Corre, menino franzino
faz dos teus dias feliz reinado
que a revolução dos anos não tarda
teu trono de palha será queimado
o céu fica gris e não tarda
os homens de terno te aguardam
logo verás que a linha é falha
e as pipas se vão sem destino.

Enquanto ainda houver prados
esquece de ter cuidados e noção
o acaso ainda flerta contigo
nas feridas bobas em teus pés
mas quando te esqueceres de quem és
deixarás até de ser franzino
restará no sótão fugaz lampejo, menino
farão nós cegos dos teus fios de algodão.

14

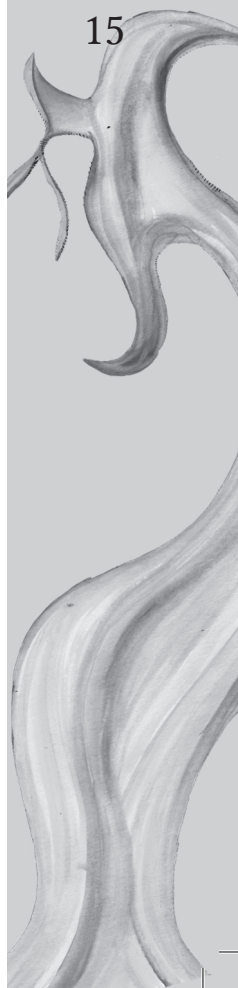


Os homens de terno não falham
já, já te calam, banham e agasalham
põem os teus prados na vã parede
enviam pobres coitados para matar tua sede
ensinam-te a rimar versos com um não
transformam teus tombos em passos elegantes
escondem tuas nuvens em terras distantes
aprisionam os tenros dias em alçapão.

Corre, meu amado menino
corre enquanto é tua a alvorada
os ossos te trairão quando menos souberes
crescerão nas sorradeiras madrugadas
prontas a pilhar teu rico ouro
e ainda que venhas a ter o que quiseres
terás presos os pés em bico fino
nos grilhões de sapatos de couro.

Corre pelos prados, menino ligeiro
não há nuvem ou pipa que permaneça
a menos que te rebeles e não esqueças
destes dias fadados a um longínquo verão
pois o tempo é um espião traiçoeiro
em breve te esconderá por inteiro
sob a poeira esquecida e espessa
na capa do velho álbum perdido no porão.

15



Abissal

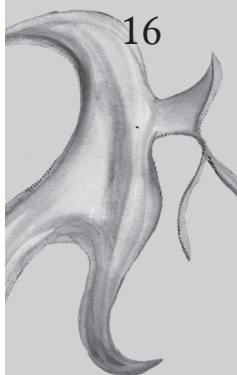
Fingiu ser nada o que era medo
trancou o medo dentro da jaula
jogou a jaula no oceano
mas esqueceu:
o oceano sai pelos olhos.

Um lenço, uma risada
e ninguém percebeu
quando lhe perguntam
diz: não é nada!
coisa à toa
ninharia.

Um tsunami mudo
a caminho
os olhos oceânicos
cuspiram a jaula
despedaçada.

Perguntam-lhe novamente
nada mais diz
e as ondas surgem
avassaladoras.

16

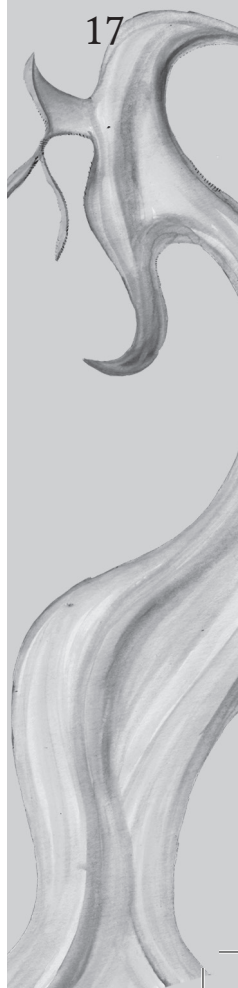


Os olhos se fecham
mas é tarde demais:
o medo agora é um cardume
de criaturas abissais.

Antes de lhe perguntarem
pela última vez
mergulhou nas lágrimas
para não ser devorado.

Escapou do medo
mas morreu afogado.

17



Museu das Cinzas

Depois que tudo ardeu
reabriu-se o antigo museu
agora 'museu das cinzas'
a fila, nunca tão grande
agora circunda quarteirão.

Todos com o fósforo nas mãos
para o grotesco espetáculo
na ala das mil desculpas
uma coleção de gravatas
em diversos tons de bravatas.

No fim de corredor estreito
nem à esquerda nem à direita
a obra-prima do mal perfeito:
um ovo de Fênix chamuscado
por anos de fogo desgovernado
sob uma redoma de arte desfeita.

O pássaro que não (re)nascera
nos escombros do que abrigará
o sonho fossilizado da colheita
ceifado por dentro, ainda na gema
agourada por fino estratagema
no país que não sabe se amar.

Depois que tudo ardeu
reabriu-se o antigo museu
mas já não há o que apreciar.

18



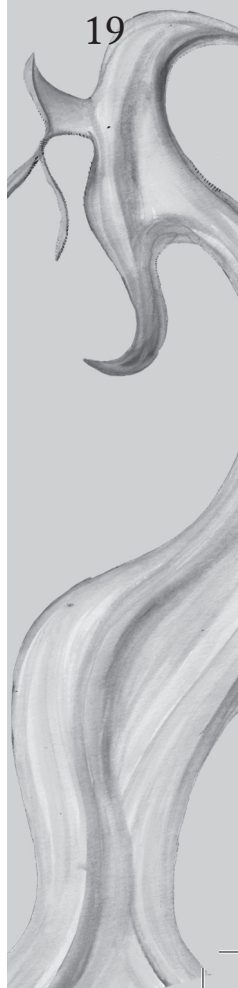
Bunker

Pensei em deixar o vazio
imprimir em branco o papel
com tudo o que nunca digo.

Então escrevi três estrofes
de três versos bem simples
para afastar o perigo.

A página deixada em branco
é bomba de grande alcance
contra o silêncio não há abrigo.

19



Afago

Às vezes

escrevo histórias de amor em ritmo de tango
olho pela janela e começo a descrever o pôr do sol
canso-me do trabalho, e a ânsia de ser me salva
até mesmo o ronco de meu estômago me inspira.

Às vezes

tenho roteiros inteiros de uma saga para contar
encontro um pássaro morto, e um réquiem nasce
afago os meus gatos, e os seus miados me dizem sim
a voz do meu amor, de timidez goiana, me soa música.

Às vezes

tudo o que vejo, ouço, sinto, toco, choro, estremeço
vira poema, sai de mim de uma vez para nunca mais voltar
clama por palavras que nem sempre sei escolher
e quando escolho, às vezes me arrependo, mas lá está.

Às vezes

eu me permito o julgamento de quem quiser me ler
em tudo o que ousei dizer, seja vindo do centro da Terra
ou de galáxias que eu mesmo inventei para habitar
fingi a dor de ser poeta até quando não faço poesia.

Às vezes

eu só quero deixar aqui os traços do que me abala
para nada ter sido em vão, para não ir sem ter vivido
sem a vontade final de ficar só mais um pouquinho
seja no corpo pouco novo que ainda me prende...

...Seja no entorno dos versos que ainda me afagam.





www.editorapenalux.com.br



rogerberna@gmail.com



[/rogerio.bernardes.9](https://www.facebook.com/rogerio.bernardes.9)



[@rogeriobernardes_poeta](https://www.instagram.com/rogeriobernardes_poeta)